



HISTÓRIA DO CORPO NA IDADE MÉDIA: REPRESENTAÇÕES, SÍMBOLOS E CULTURA POPULAR¹

*HISTORY OF THE BODY IN MIDDLE AGE:
REPRESENTATIONS, SYMBOLS AND POPULAR
CULTURE*

André Silva Ranhel ²

Secretaria de Educação de Batatais/SP

Resumo: O presente trabalho visa analisar as concepções e representações sobre o corpo no período medieval. De forma geral, pretende-se identificar representações simbólicas sobre o corpo e as mudanças que essas sofreram ao longo da Idade Média, revelando por vezes facetas distintas entre a cultura erudita e a cultura popular, ou mesmo da cultura clerical em relação à cultura laica. Trabalharemos o corpo e sua complexa relação dual com a alma, como ela era utilizada de forma simbólica e como essa relação mudou a partir do século XIII. Veremos também como as doenças eram tratadas de forma espiritual e a fisiologia simbólica dentro das representações sociais. Por fim, como se dava a relação dos vivos com os mortos, principalmente com os corpos dos mortos e como a Igreja se esforçou para espiritualizar essa relação.

Abstract: The objective of this article is to analyze the conceptions and representations about the body in medieval period. In a general way, the purpose is to identify symbolics representations about the body and the changings that those suffered during the middle age, sometimes it shows different aspects between erudite culture and popular culture, or even of priestly culture in relation to laic culture. We will study the body and its dual complex relationship with the soul, how it was used in a symbolic way and how this relation changed from the thirteenth century. We will also see how diseases were treated in a spiritual way and the symbolic physiology within the social representations. Finally, we will verify

¹ Trabalho apresentado como Conclusão de Curso de Especialização em História Cultural pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais/SP em 2017.

² Especialista em História Cultural pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais/SP, graduado em História pela Unesp Franca/SP, atualmente professor de Educação Básica II – História – em Batatais/SP.

Palavras-chave: História do Corpo, Idade Média, Representações do Corpo.

how the relation of the living with the dead happened, especially, with the bodies of dead and how the Church strove to spiritualize this relationship.

Keywords: History of the Body, Middle Age, Body Representations.

Introdução

A História do Corpo se enquadra dentro dos estudos recentes sobre História Cultural, ao considerar o corpo, suas percepções culturais e sociais como parte da história da humanidade. Segundo Roy Porter, historiador especialista em História da Medicina, tais percepções não podem ser desvinculadas da história das concepções físicas e biológicas do corpo.³ Complementando tal proposição, Jacques Le Goff e Nicolas Troung apresentam a seguinte questão em seu livro *História do Corpo na Idade Média*:

Na disciplina histórica reinou por muito tempo a idéia de que o corpo pertencia à natureza, e não à cultura. Ora, o corpo tem uma história. Faz parte dela. E até a constitui, assim como as estruturas econômicas e sociais ou as representações mentais, das quais ele é, de certa maneira, o produto e o agente.⁴

Visto isso, a História do Corpo vem com a proposta de enriquecer, complementar e preencher lacunas sobre a História, valendo-se muitas vezes de diálogos com disciplinas como Antropologia, Arte e Sociologia.⁵ Ainda segundo os autores citados anteriormente, especialistas em Idade Média, a história tradicional passou por um longo tempo “desencarnada” e o movimento dos Annales no século XX trouxe uma nova proposta, uma proposta de uma história total do homem, e para tanto foi preciso dar corpo à história.⁶ Voltando nosso olhar para a História do Corpo podemos cumprir melhor o ofício do historiador que Marc Bloch, expoente central dos Annales, nos instiga a alcançar afirmando que o historiador deve ser como “o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça.”⁷

³ PORTER, Roy. A História do Corpo. In. BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 307.

⁴ LE GOFF, Jacques, TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 16.

⁵ PORTER, op. cit., p. 299-300.

⁶ LE GOFF, TRUONG, op. cit., p. 9-10.

⁷ BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 54.

Impossível seria, ainda segundo Bloch, um historiador produzir tal história total em um esforço solitário. Por mais que dar corpo a história seja essencial, a análise total da história do corpo na humanidade pode se tornar algo impossível de ser alcançado. Por isso, o historiador deve fazer recortes e delimitações de seu trabalho, a fim de fazer a correta análise do que se propõe, para depois unir seu trabalho em uma história total.⁸ Desta forma, selecionamos a História do Corpo na Idade Média, nos valendo novamente das palavras de Jacques Le Goff e Nicolas Troung:

Primeiramente porque a Idade Média, desde o triunfo do cristianismo nos séculos IV e V, provocou quase uma revolução nos conceitos e nas práticas corporais. Em seguida, porque a Idade Média aparece, mais do que qualquer outra época - ainda que situemos seu término no final do século XV -, como a matriz de nosso presente.⁹

Dentro desse contexto de herança cultural que a Idade Média nos propicia, pretendemos analisar as concepções e representações do corpo nesse período, focando nas formas simbólicas, nas correspondências sociais e nas possíveis discordâncias entre cultura erudita e popular, ou clerical e laica. Analisaremos como o cristianismo se estruturou no período medieval e como, tanto por uma herança romana tanto como por novas concepções cristãs, iniciou-se um controle do corpo, sendo esse considerado local de pecado e danação, já a alma sempre relacionada à pureza e considerada superior. Discorreremos como as concepções sobre o corpo se tornaram cada vez mais vinculadas a religião. Doenças, imperfeições, estariam vinculados a esquemas religiosos, da mesma forma que hábitos alimentares, sexualidade, gestos etc., estariam regrados e regulados pela Igreja. Dentro desse contexto, analisaremos as representações do corpo e da alma e sua dualidade. Focaremos também nas mudanças graduais que são percebidas a partir do século XIII e que mudaram a relação e até a hierarquia existente entre corpo e alma, onde houve uma nova valorização dos aspectos corporais. Inserida nessa mudança, perceberemos a estruturação do saber médico e uma abertura para o entendimento anatômico do corpo, não mais apenas religioso. Permeando nossa análise, teremos as concepções sobre a morte ou os corpos mortos, principalmente os santos, e como o corpo se

⁸ BLOCH, op.cit., p. 128-135.

⁹ LE GOFF, TRUONG, op. cit, p. 29.

tornou um elemento de ligação do homem tanto com Deus como com o espaço em que vivia.

Para uma melhor organização de nosso artigo, dividimos o desenvolvimento em três partes, que se complementam a todo instante, facilitando o diálogo da bibliografia a respeito do tema. São essas partes: Corpo e Alma, Doenças e Fisiologia Simbólica, Mortos e seus Corpos.

O corpo na Idade Média

Corpo e Alma

A principal consideração a fazermos a respeito do corpo na Idade Média é sua concepção em relação a alma, que se trata de uma relação extremamente complexa e ao mesmo fundamental no pensamento medieval. Corpo e alma se constituíam em uma concepção dual, e não dualista, sobre o ser humano, daí derivando diversas representações a respeito da religiosidade, sociedade, cultura, política, etc. Quem nos expressa tal característica "dual" no lugar do termo "dualismo" é Jérôme Baschet, afirmando que o termo "dualismo" se refere a sistemas onde corpo e alma estariam definitivamente em planos opostos, como no maniqueísmo e no catarismo considerados heresias no período medieval. O que ocorreu em regra na Idade Média, ao contrário, foi uma forte relação dialética entre corpo e alma, com hierarquias estabelecidas, mas sem uma separação clara, onde dependem um do outro dentro do esquema de salvação cristã.¹⁰

A Idade Média herdou das tradições culturais antigas as concepções e separações entre corpo e alma. Segundo Jean-Claude Schmitt, para Platão a alma seria eterna, não criada e o corpo seria sua habitação, havendo uma clara desvalorização do corpo, que devia obedecer aos impulsos da alma. O cristianismo medieval recebeu tal concepção de corpo e alma, porém modificando a ideia da alma não criada: para o cristianismo a alma seria eterna e criada, criada por Deus. Já Aristóteles trouxe uma concepção mais dinâmica e igualitária, onde a alma seria a forma do corpo, interpretada por St. Agostinho como o impulso racional que rege o corpo. Tal concepção se fez presente principalmente depois do século XIII, onde a

¹⁰ BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006, p. 409.

observação empírica começou a se reestabelecer na Idade Média. Em ambos os casos, a tradição judaica, herdada também pelo cristianismo medieval, inseriu todas essas relações entre corpo e alma em um mito universal do devir humano, que para o cristianismo passou a ser a salvação.¹¹

Assim sendo, podemos perceber durante a Alta Idade Média (séculos V-X) um grande esforço em hierarquizar corpo e alma, tornando a alma superior ao corpo, sendo esse apenas uma prisão carnal e imperfeita. Através de uma grande reviravolta, o cristianismo transformou o corpo em vilão, alterando o pecado original. De um pecado da alma (orgulho e desobediência), o pecado original passou a ser um pecado do corpo (sexual, da concupiscência da carne).¹² Sobre esse tema Jacques Le Goff e Nicolas Troung argumentam que:

A transformação do pecado original em pecado sexual é tornada possível por meio de um sistema medieval dominado pelo pensamento simbólico. Os textos da Bíblia, ricos e polivalentes, se prestam de bom grado a interpretações e deformações de todos os gêneros. A interpretação tradicional afirma que Adão e Eva quiseram encontrar na maçã a substância que lhes permitiria adquirir uma parte do saber divino. Já que era mais fácil convencer o bom povo de que a ingestão da maçã decorria da copulação mais que do conhecimento, a oscilação ideológica e interpretativa instalou-se sem grandes dificuldades.¹³

Graças a essa nova representação do pecado original, a Idade Média passou por um momento de desvalorização do corpo perante a alma, pois no corpo se encontrariam as fontes do pecado. Porém, isso não significa que havia uma desconsideração pelo corpo, pois ele era fundamental dentro da lógica da salvação. No nascimento havia a união do corpo com a alma e na morte se observaria a separação desses dois, deixando o corpo à decomposição natural e por isso prezava-se pela salvação da alma.¹⁴ Entretanto, a salvação das almas se realizaria plenamente no dia da ressurreição dos corpos, onde haveria uma nova união entre o corpo e a alma, com o corpo agora purificado. Na dinâmica da salvação o corpo não poderia ser excluído, o ideal ascético da Idade Média, ou seja, a recusa pelo que é corporal e mundano, era considerado apenas um meio para a salvação, já que o corpo possuía

¹¹ SCHMITT, Jean-Claude. Corpo e Alma. In. LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. I. Bauru, SP: Edusc, 2006. p. 254.

¹² *Ibid.*, p. 255.

¹³ LE GOFF, TRUONG, op. cit., p. 51.

¹⁴ BASCHET, op. cit., p. 256.

extrema importância. Até mesmo nos lugares de castigo e sofrimento eterno, no caso do inferno e, depois do século XIII, o purgatório, as almas receberiam sofrimentos e castigos físicos, o que nos mostra uma clara valorização do papel do corpo dentro do esquema de salvação e da condenação eterna.¹⁵

Assim sendo, a ressurreição resultaria no corpo glorioso, que não estaria mais sujeito as regras materiais. Mas, como alcançar a graça do corpo glorioso no fim dos tempos? A resposta é simples: submetendo o corpo, imperfeito, às regras da alma, tomada como perfeita; pela dominação da alma o corpo se aperfeiçoaria.¹⁶ Por essa razão a alma sempre foi considerada superior ao corpo, estando localizada literalmente em cima, primeiro na cabeça e depois ganhou seu lugar no coração, por mais que St. Tomás de Aquino a tenha visto, no século XIII, preenchendo o corpo todo.¹⁷ Essa lógica se insere dentro dos sistemas de tensões duais da Idade Média, como *dentro/fora*, *cheio/vazio*, *perto/longe*, sendo o valor simbólico do *alto/baixo* um dos mais fortes no período, não escapando o corpo dessa dualidade.¹⁸ A alma seria alta, superior, estando presente na cabeça, enquanto o corpo seria inferior, vindo das partes baixas os desejos da carne e fontes do pecado, como o ventre.¹⁹ Para Paul Zumthor, tal sistema dual se conecta com a percepção do homem medieval em relação ao espaço, ligando-o ao próprio corpo, local de sua manifestação, exteriorização do invisível, que se rende a percepção sensorial e integrando a experiência coletiva. Desde modo o alto, até nossos dias, é pensado como lar de seres sobre-humanos, da vida, do amor, do Bem; já o baixo está associado aos demônios, à morte, às funções sexuais, ao Mal.²⁰ O local da alma no corpo só poderia ser no *alto*, e o local das tentações e dos pecados localizado em *baixo*.

Por mais que tal relação seja mais dialética do que o exposto, tendo a alma partes baixas (fatores fisiológicos) e o corpo partes altas (faculdades psíquicas)²¹, podemos dizer que a alma exerceu essa função hierárquica superior ao corpo, e esta serviu de representação para todo um modelo de sociedade, principalmente às

¹⁵ SCHMITT, op. cit., p. 256-258.

¹⁶ BASCHET, op. cit., p. 420.

¹⁷ Ibid., p. 411.

¹⁸ ZUMTHOR, Paul. **La Medida del Mundo, representación del espacio em la Edad Media**. Madrid: Ediciones Cátedra, S. A. 1994. p. 20.

¹⁹ LE GOFF, TRUONG, op. cit., p. 158-161.

²⁰ ZUMTHOR, op. cit., p.19-20.

²¹ SCHMITT, op. cit., p. 258.

justificativas da superioridade do clero na Idade Média. O clero desenvolveu todo um sistema de representação social que ligava a alma a eles e o corpo aos laicos. Desta forma, dentro da unidade cristã, o clero tinha o caráter espiritual dominante, e a sociedade só estaria salva se fosse guiada pelo clero, assim como o corpo só seria salvo se guiado pela alma.²² Para além disso, houve o desenvolvimento de uma concepção da Igreja como a comunidade dos fiéis, tendo Cristo como cabeça, como líder. Tal concepção é o que chamamos de corpo místico, que se desenvolveu plenamente no século XII, mas que está presente desde o império carolíngio, onde o império era visto como um corpo, encarnação da Igreja, do qual Cristo era a cabeça, dirigindo a terra por intermédio de duas pessoas: o papa e o rei. O corpo místico, a comunidade cristã, tinha como base então a Igreja como corpo espiritual, que regia o corpo material para fins tanto materiais como celestes. No final da Idade Média essa visão se secularizou, passando a definir o modelo político do rei como cabeça e os súditos como os membros.²³

Visto que a relação entre *corpo/alma* e *Igreja/comunidade*, ou *clero/laicos*, provinha da ideia de salvação, nos compete analisar como se deu a lógica da salvação dentro da superioridade da alma sobre o corpo. Como já analisado acima, o pecado original foi transformado em um pecado sexual, um pecado corporal, colocando a alma como vítima de um desvio do corpo. Desta forma, estendeu-se todo um esforço pelo controle do corpo na Idade Média, pois só assim a alma poderia ser salva, principalmente em seus primórdios onde havia uma necessidade de controlar e cristianizar antigas práticas pagãs. Segundo Jacques Le Goff e Nicolas Troung, a ideologia anticorporal do cristianismo institucionalizado se esforçou em conter as práticas populares, mesmo que com resistências. Aos poucos a Igreja passou a dominar o corpo, através de calendários onde se instituíam jejuns, restrições (tanto alimentares como sexuais), períodos de oração e reclusão. Visto isso, os autores anteriormente citados afirmam que os homens na Idade Média oscilaram entre a Quaresma, período de jejum e abstinências, e Carnaval, marcado por banquetes e gula.²⁴

²² BASCHET, op. cit., p. 421.

²³ LE GOFF, op. cit., p.162-168.

²⁴ LE GOFF, TRUONG, op. cit., p.35.

O controle do corpo pode ser entendido como mais antigo que a Idade Média. Jacques Le Goff e Nicolas Troung, citando o grande historiador Paul Veyne, especialista em história antiga, afirmam que desde a antiguidade tardia, mais especificamente no século II d.C. pode se observar o início do controle e desprezo pelo corpo entre os romanos. Sendo assim, a moral cristã do controle do corpo na Idade Média é fruto também de tempos mais antigos.²⁵ No período medieval temos uma clara derrocada do corpo até o século XIII e, como já vimos, a sexualidade desponta entre o principal mal do corpo. Há uma repressão das pulsões e dos desejos carnis, ao ponto de o casamento se constituir como uma tentativa de conter a concupiscência, para controlar a cópula, sendo essa compreendida apenas para o fim de procriação. Aquele que se apaixonava demais por sua mulher também era considerado um adúltero. Ainda segundo Le Goff e Troung: “Estabelece-se uma hierarquia entre os comportamentos sexuais lícitos. No mais alto grau está a virgindade, que, em sua prática, é denominada castidade. Depois vem a castidade na viuvez e, enfim, a castidade no interior do casamento.”²⁶

Aprofundando no tema do casamento, podemos completar com as ideias de Jérôme Baschet que afirmou que este se localizava dentro da lógica da representação da Igreja como encarnação de Cristo na terra, detentora dos poderes espirituais no plano material. Desta forma, ela justificou seu esforço em realizar a espiritualização dos corpos por meio dos sacramentos, que também tinham claras relações corporais: no batismo havia a graça divina para os nascidos da carne pecadora; na eucarística o corpo e sangue verdadeiros (de Cristo) nutriam a alma e o casamento legitimava a atividade reprodutora e formava uma aliança espiritual, que também podemos entender como uma espiritualização da aliança carnal.²⁷ Tal noção do casamento como cópula justa se amplificou dentro da Reforma Gregoriana do século XII, que tendeu a diferenciar e separar o que era devido aos clérigos e o que era devido aos laicos, segundo Le Goff e Troung:

Os primeiros, em especial a partir do primeiro Concílio de Latrão, deverão, no seio do novo modelo que é o monaquismo, abster-se de

²⁵ LE GOFF, TRUONG, op. cit., p. 47-48.

²⁶ LE GOFF, TRUONG, op. cit., p. 43.

²⁷ BASCHET, op. cit., 429-430.

verter o que provoca a corrupção da alma e que impede o espírito de descer: o esperma e o sangue. Instala-se, desse modo, uma ordem, um mundo de celibatários. Quanto aos segundos, deverão se servir de seus corpos de maneira salutar e salvadora no interior de uma sociedade aprisionada no casamento e no modelo patrimonial, monogâmico e indissolúvel.²⁸

Dentro desse esquema de contenção do corpo a mulher saiu como a maior perdedora. Após a transformação do pecado original em pecado sexual a mulher foi inferiorizada, e por vezes até culpada, estando a humanidade dividida novamente dentro da lógica *alto/baixo*: "a parte superior (a razão e o espírito) está do lado masculino a, parte inferior (o corpo, a carne), do lado feminino."²⁹ Os teólogos medievais elaboram diversas explicações sobre a inferioridade da mulher. St. Agostinho afirmou que o corpo do homem é mais perfeito e St. Tomás de Aquino tentou estabelecer uma igualdade entre corpo e alma da mulher e homem no momento da criação, para ele, porém, conforme Aristóteles, a mulher era mais imperfeita, mais suscetível ao erro. Mas, Tomás de Aquino ainda tentou elaborar uma igualdade teórica, afirmando que se a mulher fosse superior teria sido criada da cabeça, se fosse inferior teria sido criada dos pés. Ainda assim, a mulher não teve voz na história medieval, sendo o homem guia dessa pecadora. Mesmo a reprodução foi tida como papel somente do homem, devido o desconhecimento da ovulação da mulher.³⁰

Porém, para Le Goff e Troung, tal controle do corpo não foi tão eficiente ao menos até meados do século XII, segundo eles:

Antes do século XII, ainda é possível ver - o fenômeno, entretanto, permanece limitado - clérigos brigando, ainda que por mulheres e concubinas e não com elmos e armas. Da parte dos leigos, abundam rixas e combates, e os prazeres da carne - irredutíveis apenas à sexualidade - caminham bem. A aristocracia permanece o que era então quando de seu período "bárbaro", isto é, polígama. [...] As aventuras extraconjugais brilham nas grandes famílias nobres. Do lado dos ricos, a poligamia é praticada e, na verdade, admitida. Do lado dos pobres, a monogamia instituída pela Igreja é mais respeitada.³¹

²⁸ LE GOFF, TRUONG, op. cit., p.42.

²⁹ Ibid., p.53

³⁰ Ibid., p. 53-54.

³¹ Ibid.,p. 45.

Já a partir do século XIII, os autores concordam em uma mudança na postura em relação ao corpo. Inúmeras críticas satíricas contra a castidade dos clérigos começaram a ferver na Idade Média, a virgindade passou a ser questionada e, principalmente já no século XIV, houve uma naturalização dos valores sexuais.³² Parte dessa reviravolta se deve em específico a crítica do sistema monástico no século XIII, que resultou em uma valorização do corpo, advindo de uma visão Aristotélica.³³ Como veremos adiante, escritos árabes e traduções das obras gregas, principalmente de Aristóteles, chegaram na Europa a partir do século XI e transformaram toda uma forma de concepção do corpo.³⁴ St. Tomás de Aquino foi um dos herdeiros desse novo pensamento, afirmando que a alma e corpo não eram distintos, mas unidos. A alma era considerada encarnada, dando forma ao corpo, chegando Aquino a afirmar que a alma não teria consciência de si mesma fora do corpo. Percebemos assim uma nova valorização do corpo, ainda que dentro de moldes cristãos.³⁵

Já Le Goff e Troung enxergam no período até mesmo uma volta as práticas pagãs, ideias contra a contenção do corpo surgem e ganham força na Idade Média a partir do século XIII, expressadas principalmente no Carnaval. Houve uma volta das danças obscenas, dos grandes banquetes, do burlesco no Carnaval, festa que se instaura no século XII, em plena Reforma Gregoriana, e se intensifica no século XIII, com um avanço da urbanização na Idade Média.³⁶ Devido a essa pressão dos laicos, Jérôme Baschet vê nessa nova forma de aceitação do corpo pela Igreja, como tentou fazer Tomás de Aquino, uma resposta aos anseios e críticas dos laicos frente ao clero. Houve evidentemente uma valorização e aceitação do corpo, desde que o conhecimento material e natural levasse a Deus. O autor ainda não considera tal aspecto como um processo de laicização, mas sim como uma articulação entre os poderes eclesiásticos com as realidades do mundo material, ou seja, uma resposta a pressão dos laicos, embora prevalecessem os valores espirituais.³⁷

³² LE GOFF, TRUONG, op. cit., p. 46-47.

³³ SCHMITT, op. cit., p. 264.

³⁴ Idem., **Les Corps, Les Rites, Les Rêves, Les Temps: essais d'anthropologia medieval**. Paris: Gallimard, 2001. p. 340.

³⁵ Idem., Corpo e Alma. In. LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. I. Bauru, SP: Edusc, 2006. p. 264.

³⁶ LE GOFF, TRUONG, op. cit., p. 59-61.

³⁷ BASCHET, op. cit., p. 442-443.

Doenças e Fisiologia Simbólica

Dentro dessa lógica da superioridade das questões espirituais, deixando o corpo em um segundo plano, um plano de impurezas e imperfeições, há um importante ponto a considerar: o da medicina, principalmente no quesito das doenças. Podemos afirmar claramente que as doenças no período medieval tinham um caráter moral³⁸, vinculadas diretamente com algum pecado cometido. As doenças na Idade Média estavam sempre relacionadas a transgressões espirituais, sendo a lepra o maior exemplo: considerada como doença da alma, resultante de uma cópula nos dias de jejum e penitência (Quaresma, vigílias de dias santos etc.), sendo produto de um pecado sexual. Assim, não há doença na Idade Média que não seja simbólica. A lepra era considerada como uma heresia: as duas eram como doenças da alma, simbolizadas pelo corpo doente, que deveriam ser extirpadas do corpo sadio da Igreja. Em contrapartida, a metáfora é polivalente: o beijo em um leproso praticado por Cristo foi tomado como um grande exemplo de piedade, sendo seguido por São Luís. Por isso, a maior parte dos milagres atribuídos aos santos são, em geral, milagres de cura.³⁹

O cuidado com os doentes passou a ser de responsabilidade, durante muito tempo, dos religiosos (frades, freiras, etc.), sendo o local de acolhimento desses doentes mais um espaço de cura espiritual do que corporal. Havia um grande paradoxo referente aos doentes, pois se sua doença era fruto de pecados, poderiam ser considerados impuros, castigados pela cólera divina e pela justiça humana (no caso dos inválidos), e tais fatores causavam certa aversão ao seu contato. Porém, segundo Marie-Christine Pouchelle, é nítido que grande parte da população medieval se dedicava ao trato com os doentes em locais de acolhimento que mais tarde se tornaram os hospitais.⁴⁰ Para Jean-Claude Schmitt, tal aspecto se deve ao caráter social da doença na Idade Média. Ela atingia o doente como indivíduo, onde o mal (doença) capturava seu corpo, deixando-o impedido de trabalhar, mergulhando-o na miséria e na indigência. Além disso, a doença se tornava uma carga para o doente

³⁸ SCHMITT, Jean-Claude. Corpo e Alma. In. LE GOFF, SCHMITT, op. cit., p. 260.

³⁹ LE GOFF, TRUONG, op. cit., p. 106-108.

⁴⁰ POUCHELLE, Marie-Christine. Medicina. In. LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. II. Bauru, SP: Edusc, 2006, p. 153-154.

que não podia mais comer e o deixava insuportável aos seus próximos graças a suas crises, seus odores ou sua violência. Porém, em um nível social mais amplo o doente desempenhou um papel social de “indigente”, pois padecia como Cristo padeceu, oferecendo aos outros a chance da salvação de suas almas através da caridade.⁴¹ O doente sofria com seus pecados como Cristo sofreu carregando os pecados do mundo em seu corpo. Assim, a doença passou a ser sinônimo de penitência para o doente, que se valia do medicamento do espírito, pois Cristo era médico dos corpos e das almas.⁴²

A medicina medieval foi uma grande herdeira da medicina antiga, principalmente a medicina grega e a teoria dos humores de Hipócrates, onde os quatro humores (sangue, fleuma, bile amarela e bile escura) deveriam estar bem equilibrados entre si para uma boa saúde.⁴³ Tal equilíbrio, depois da sistematização de Galeno no século II, se realizava por meio de uma adequada alimentação para “equilibrar a dinâmica vital dos indivíduos – de acordo com seu temperamento particular (fleumático, sanguíneo, colérico ou melancólico).”⁴⁴ Podemos ver que dentro dessa explicação médica inserida no cristianismo, os elementos pagãos não desapareceram totalmente, mesmo que a Igreja tenha se esforçado nesse sentido. Tais elementos pagãos sempre foram justificados de acordo com a lógica cristã pois, segundo Schmitt, a desordem dos humores e dos temperamentos passaram a ser resultantes do pecado de Adão. Sendo assim, a humanidade nunca estaria perfeita até a restituição definitiva pela ressurreição.⁴⁵

Porém, essa explicação médica da doença esteve conectada, e por vezes subordinada, às explicações religiosas, que segundo Schmitt realizavam uma função generalizante e fundadora, explicando a causa da doença e fazendo dela um signo. Assim a doença estava ligada a um poder sobrenatural, seja Deus, diabo ou santos, ou a um poder humano, como feiticeiros e feiticeiras. Como já mostramos, ela exercia uma função ambígua dentro da lógica cristã, pois era símbolo do pecado e castigo justo, incitando para conversão individual ou coletiva, e ao mesmo tempo era

⁴¹ SCHMITT, Jean-Claude. **Les Corps, Les Rites, Les Rêves, Les Temps: essais d'anthropologia medieval**. Paris: Gallimard, 2001, p. 324.

⁴² LE GOFF, TRUONG, op. cit., p. 108-109.

⁴³ Ibid., p. 109-111.

⁴⁴ POUCHELLE, Marie-Christine, Medicina. In. LE GOFF, SCHMITT, op. cit., p. 152.

⁴⁵ SCHMITT, Jean-Claude. **Les Corps, Les Rites, Les Rêves...**, op. cit., p. 326.

símbolo da virtude e amor de Deus que colocava o cristão a prova, sobretudo o santo. Nos dois casos ela era vista como benção, pois ela preserva no caminho da salvação, além de favorecer as obras de caridade. Ainda segundo Jean-Claude Schmitt, havia uma “metaforização” da doença, pois ela e o pecado eram indissociáveis, assim como a cura era para a salvação. Além disso, havia associação das transgressões religiosas e morais com doenças coletivas graves, como a peste e a lepra no século XIII que foram associadas as heresias, principalmente dos cátaros e valdenses.⁴⁶ Visto isso, a única forma eficaz de cura era a proporcionada pela Igreja, que se exercia tanto sob a forma dos sacramentos como, principalmente, pelos milagres.

Os milagres eram a forma mais eficaz de cura, sendo atribuídos aos santos, tanto os vivos como os mortos. Por isso eles dependiam da relação entre o homem doente, o santo e Deus. Para Schmitt⁴⁷:

No caso dos milagres póstumos, que são os mais numerosos, um corpo morto – mas um corpo santo, supostamente para manter as marcas da vida – implorava em benefício de um corpo doente, para torna-lo saudável: a cura consistia em uma transferência de poder entre dois corpos, a incorruptibilidade de um lutando contra a corrupção de outro.⁴⁸

Assim, a cura se passava em torno de um ritual, seja da doença para com uma relíquia de algum santo (peregrinação) ou de uma relíquia para a doença (transação de relíquias). Nesse contexto, ainda segundo Schmitt, aristocracia e classes populares lidavam de forma diferente com os milagres de cura. Enquanto a aristocracia viajava para os locais santos onde repousavam as relíquias, na forma de peregrinação, as classes pobres faziam seu clamor a distância por conta dos dispêndios da viagem. Além disso, pedidos como cura de doenças internas ou que tinham avanço rápido, comuns ao estilo de vida violento dos cavaleiros, eram os pedidos comuns da

⁴⁶ SCHMITT, op. cit., p. 326-327.

⁴⁷ Segue-se a tradução livre do texto, realizada por nós. Texto original: *“Dans le cas des miracles posthumes, qui étaient les plus nombreux, un corps mort – mais un corps saint, censé conserver les marques de la vie – était imploré au profit d’un corps malade, afin de lui rendre la santé: la guérison consistait en transfert de pouvoir entre deux corps, l’incorruptibilité de l’un venant combattre la corruption de l’autre.”*

⁴⁸ SCHMITT, Jean-Claude, **Les Corps, Les Rites, Les Rêves...**, op. cit., p. 332.

aristocracia, em contraste com clamores pela cura de cegueira, surdez, mudez, paralisia que eram comuns às camadas populares.⁴⁹

Entretanto, não só a doença tinha um caráter metafórico e simbólico, mas também toda a concepção fisiológica da época. Já citamos o exemplo da cabeça, considerada local da alma e das decisões racionais, estando no alto representava Cristo como cabeça da Igreja, como líder da sociedade. Dentro da concepção do corpo representando todo o Estado, a cabeça representava tal comando, onde os outros órgãos representavam diferentes partes da sociedade, diretamente subordinados à cabeça. Temos também a presença do coração, disputando com a cabeça o privilégio de receptáculo da alma e das decisões racionais, da consciência moral e da fé. Tamanha foi sua importância que, alongando nossa visão para um pouco além do fim da Idade Média (séculos XV ao XVII), podemos ver a crescimento do culto ao Sagrado Coração de Jesus e uma mudança em relação a chaga da crucificação, que deixou o lado direito para se localizar no lado esquerdo, o lado do coração. Ao mesmo tempo, o coração da virgem passou a ser representado perfurado pelos gládios das sete dores. Segundo Le Goff e Troung a dualidade *corpo/alma* passou a ser *corpo/coração*, pois "O coração absorveu tudo o que há de espiritual no homem."⁵⁰

Assim como as partes altas do corpo, como a cabeça, representavam o comando e a perfeição de Cristo, as partes baixas passaram a representar o pecado e os pecadores. Ainda segundo Le Goff e Troung, o fígado foi o maior perdedor, pois a prática antiga de utilizá-lo em adivinhações o faz cair em descrédito no cristianismo, que passou a condená-la. Além disso, os escritos antigos sobre a medicina o identificavam o fígado como produtor de sangue e de calor, que passaram ser considerados fontes do pecado no cristianismo medieval. Desta forma, tal órgão, ou entranhas e ventre, foi "transferido para um ponto inferior, para abaixo da cintura, ao lado das partes vergonhosas do corpo. E torna-se a sede da luxúria, dessa concupiscência que, desde São Paulo e Santo Agostinho, o cristianismo persegue e reprime."⁵¹

⁴⁹ SCHMITT, Jean-Claude, **Les Corps, Les Rites, Les Rêves...**, op. cit., p. 333.

⁵⁰ LE GOFF, TRUONG, op. cit., p. 158.

⁵¹ Ibid., p. 160.

Em algumas descrições do corpo do século XII, podemos encontrar as representações da cabeça como o rei (ou príncipe), sendo os homens honrados como juízes e representantes das cidades vistos como olhos, orelhas etc. Já os funcionários e guerreiros eram representados pelas mãos e pelos braços, exercendo função ambígua pois desempenhavam o desconsiderado trabalho manual e ao mesmo tempo eram o braço secular. Por fim os camponeses eram obviamente representados pelos pés, partes mais baixas, mas que carregavam e moviam todo o resto, já manifestando determinada inconformidade pela miserável situação das massas rurais, que eram desprezadas e exploradas pelas ordens superiores. Porém, aqueles que lidavam com a economia, em específico a administração do dinheiro, eram considerados os mais mal localizados: nas entranhas. Em razão do desprezo medieval pelo acúmulo de riqueza, essa classe ficou “situada nas dobras ignóbeis do ventre e dos intestinos, definitivamente degradadas, caldeirão de cultura das doenças e dos vícios [...]”⁵²

Tal concepção simbólica da fisiologia humana nos revela um certo conhecimento do corpo em sua forma anatômica, mesmo que não fosse utilizado para fins científicos, onde permaneceu por muito tempo a visão dos escritos de Hipócrates e Galeno. Ainda que as dissecações de corpos não fossem totalmente proibidas pela Igreja, que tentava impedir somente a violação de túmulos⁵³, as primeiras dissecações para fins de estudo, segundo Pouchelle, iniciaram-se no século XIII, principalmente da iniciativa dos reis em formar melhor os médicos de suas cortes. Devido a crescente necessidade de observação provinda do naturalismo de Aristóteles, que permeou o Ocidente Medieval com os escritos gregos e árabes presentes nas universidades a partir do século XI, observar o corpo por dentro, de forma anatômica, se tornou uma necessidade já na Idade Média.⁵⁴ Em um primeiro momento, tais dissecações foram feitas somente para confirmar e ilustrar o saber produzido pelos antigos, principalmente por Galeno no século II. Porém, mesmo dentro dessa necessidade de confirmar os saberes antigos é possível encontrar inovações, já que muitos conhecimentos novos que se produziam eram atribuídos a

⁵² LE GOFF, TRUONG, op. cit., p. 166-167.

⁵³ Ibid., p. 119.

⁵⁴ POUCHELLE, op. cit., p. 163.

Galeno, como forma de validação das descobertas.⁵⁵ Segundo Pouchelle, a dissecação:

[...] continha em germe uma série de rupturas, tanto na simbiose do corpo e do universo quanto na própria unidade do corpo, se não até da pessoa, prelúdio ao que viria a caracterizar o progresso científico no Ocidente: separar, isolar o objeto de pesquisa, reduzi-lo, enfim.⁵⁶

Entretanto, Schmitt nos alerta para as complexidades desse processo que, a princípio, se parece com uma certa laicização da medicina. Para ele, médicos e cirurgiões passam a criticar cada vez mais as curas estritamente religiosas, mas sem negar a própria religião. Tal atitude também teve relação com sua visão filosófica, quase herética, que se aproximava do averroísmo ou das duas verdades: a aceitação da revelação, mas a crença de que ela não implica nas leis naturais para a prática da medicina. Visto isso, o pensamento médico no final da Idade Média não pode ser dissociado totalmente do discurso religioso. Na civilização medieval é possível encontrar críticas à autoridade da Igreja, mas é impossível se pensar fora do esquema religioso, ainda mais na prática simbólica da medicina onde há a uma relação entre o corpo humano e o macrocosmo da criação.⁵⁷

Mortos e seus Corpos

Por fim, o corpo na Idade Média serviu de símbolo e elemento cultural importantíssimo até mesmo em sua fase final: a da decomposição. O corpo dos mortos foi extensamente retratado e referido em lições e sermões dentro do esquema religioso cristão. Segundo Le Goff e Troung falava-se mais da morte na Idade Média que em nossos tempos, mas isso não significa que ela fosse mais tranquila, o medo da morte era evidente. Mas, o estudo da morte não se faz por essa perspectiva, a morte na Idade Média é antes uma passagem para o mundo além. Deve-se pensar no lugar dos mortos, dos corpos dos mortos, e o papel que os vivos atribuíam a eles.⁵⁸ Dialogando com essa visão, Michel Lauwers afirma que a morte era vista como uma passagem para o outro mundo, um acontecimento feliz dentro da lógica da salvação, porém:

⁵⁵ LE GOFF, TRUONG, op. cit., p. 114-115.

⁵⁶ POUCHELLE, op. cit., p. 164.

⁵⁷ SCHMITT, Jean-Claude. **Les Corps, Les Rites, Les Rêves...**, op. cit., p. 340-343.

⁵⁸ LE GOFF, TRUONG, op. cit., p. 120-121.

Ao mesmo tempo, a angústia diante da morte física e o medo do julgamento da alma foram explorados em uma perspectiva penitencial, enquanto a descrição da morte corporal era a ocasião de denunciar as realidades terrenas, de suscitar o “desprezo do mundo”, de provocar uma “conversão”.⁵⁹

Assim, podemos considerar que a morte serviu a um propósito religioso dentro do cristianismo medieval de simbolizar a finitude de todas as coisas. Ainda segundo Lauwers, a Igreja se esforçou, principalmente depois do século VIII no período carolíngio, em controlar e espiritualizar as relações entre os vivos e os mortos, que eram guiadas principalmente pelas antigas concepções pagãs familiares de culto aos mortos. Aos poucos as imposições de que o cuidado do defunto, seu velório e enterro, fosse responsabilidade da Igreja foi se fortalecendo e instituindo. Junto com essas imposições temos o surgimento e organização das rezas pelos mortos, onde todos os cristãos em união rezariam juntos pelos que se foram, criando uma comunhão entre os vivos e os mortos. Mesmo a criação do dia dos mortos, 2 de novembro, em 1030 foi claramente uma forma encontrada pela da Igreja de padronizar a liturgia referente ao culto aos mortos e espiritualizá-la, onde nenhum, teoricamente, escaparia.⁶⁰

Dentro desse controle cristão ao culto aos mortos, somente os corpos dos santos e suas tumbas poderiam ser venerados. Rezava-se pelos mortos, mas por intercessão dos santos, que como já vimos, realizavam milagres mesmo após a morte.⁶¹ Os corpos dos santos mantinham sua santidade, tanto é que não se decompunham e suas tumbas exalavam o odor da santidade.⁶² Por conta disso realizavam-se rituais de desmembramento dos corpos dos santos, para se tornarem relíquias e distribuídas em santuários. Porém, no século XIII houve algumas proibições contra esse costume, fixando-se a ideia de incorruptibilidade dos corpos, desenvolvendo-se rituais aristocráticos de embalsamamento dos corpos e confecções de esfinges quando os corpos não podiam ser mantidos em bom estado.⁶³

⁵⁹ LAUWERS, Michel. Morte e os Mortos. In. LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. II. Bauru, SP: Edusc, 2006. p. 245.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 247-252.

⁶¹ LE GOFF, TRUONG, op. cit., p. 122.

⁶² SCHMITT, Jean-Claude. Corpo e Alma. In. LE GOFF, SCHMITT, op. cit., p. 260.

⁶³ LAUWERS, op. cit., p. 255.

Entretanto, para Johan Huizinga, todo esse cuidado com os corpos dos mortos vinha diretamente de um sentimento de aversão da decomposição e da própria morte que se estabeleceu principalmente no fim da Idade Média. Tal aversão à decomposição foi acompanhada de um espírito materialista que insistia em não se livrar do pensamento voltado para o corpo. Huizinga exemplifica esse espírito materialista pela existência de “um hábito de, imediatamente após o falecimento de uma pessoa estimada, retocar os traços do rosto para que não houvesse nenhum sinal vivível de putrefação antes do enterro.”⁶⁴ O autor ainda nos oferece a descrição de mais um ritual peculiar referente ao cuidado dos corpos, que foi diversas vezes proibido e autorizado pelas autoridades papais no final da Idade Média:

Amplamente difundida, no caso de cadáveres de pessoas importantes falecidas longe de onde moravam, era a prática de cortá-los em pedaços e cozinhá-los durante o tempo necessário para que a carne se soltasse dos ossos, que em seguida eram limpos e remetidos em uma mala para que pudessem ser enterrados solenemente, enquanto as entranhas e a carne eram enterradas no local da morte. Nos séculos XII e XIII isso estava tão em voga que alguns bispos e vários reis tiveram esse tratamento.⁶⁵

Desta forma, podemos observar que a morte e a presença dos mortos foram temas recorrentes na Idade Média, e que em seus momentos derradeiros serviram para expor a condição frágil da vida humana. Dentro desse esquema religioso, os corpos dos mortos serviram para expor a todos a perecibilidade humana em formas culturais específicas, como o exemplo da dança macabra. Esse tema, que foi tanto proclamado como pintado e gravado, consistia no encontro de três jovens vivos e três mortos que travavam um diálogo onde os mortos afirmavam aos vivos: “O que vós sois, nós o fomos. O que nós somos, vós o sereis.”⁶⁶ Segundo Le Goff e Troung a dança macabra “infunde nos espíritos o terror da morte e a aversão ao cadáver que se desenvolve no século XIV, isto é, na Idade Média tardia”, servindo de indicação de que ninguém escapava a morte.⁶⁷ Huizinga nos afirma que a mais popular das danças

⁶⁴ HUIZINGA, Johan. **O Outono da Idade Média**. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 229-230.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 230.

⁶⁶ LE GOFF, TRUONG, op. cit., p. 126.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 127.

macabras foi a retratada no Cemitério dos Inocentes em Paris no ano de 1424, que se perdeu devido sua posterior demolição. Afirma o autor que:

Em nenhum outro lugar aquela morte de caráter simiesco podia estar tão em casa, ela, que rindo com todos os dentes, com os passos enferrujados de um velho mestre de dança, arrasta consigo o papa, o imperador, o nobre, o trabalhador, o religioso, a criança pequena, o louco e todas as profissões e posições sociais existentes.⁶⁸

Assim, a dança macabra exemplifica tal exposição dos corpos mortos como advertência para o fim último da vida: a putrefação dos corpos. Independentemente da posição social, a angústia da morte e a horrível decomposição dos corpos seria inevitável. Por isso, ainda segundo Huizinga, "A dança macabra não era somente uma advertência piedosa, mas também uma sátira social, e existe uma leve ironia nos versos que a acompanham."⁶⁹

Considerações finais

Exposta a análise proposta em relação à dualidade entre corpo e alma na Idade Média, das concepções sobre as doenças e da fisiologia simbólica existente no período e da relação dos vivos com os mortos, principalmente com os corpos dos mortos, podemos chegar a algumas considerações finais sobre o tema. Primeiramente, a presença do corpo na Idade Média se mostra extremamente complexa, com diversas nuances e variações de representações em relação ao período e localização em questão, que um pequeno artigo não seria capaz de suprir em sua totalidade. Porém, em nossa análise podemos inferir que a Idade Média se valeu do corpo como fonte de símbolos e representações, onde se realizavam ligações entre o terreno e o sagrado. A Igreja, como um poder instituído, se esforçou para que antigas concepções sobre o corpo, provindas da cultura pagã, se espiritualizassem e ficassem cada vez mais dependentes da cultura clerical.

O corpo se tornou local de desejos, profanação e danação, fonte dos pecados e da decadência humana, mas, ao mesmo tempo, essencial dentro da lógica da salvação eterna e da ressurreição em Cristo. Por isso, ele deveria ser purificado pela

⁶⁸ HUIZINGA, op. cit., p. 234.

⁶⁹ Ibid., p. 236.

alma, mais especificamente pelo controle da alma (que era considerada pura, perfeita e eterna), sobre o corpo. Nesse esquema, somente a Igreja, encarnação dos valores espirituais no mundo, poderia conduzir os homens ao pleno controle do corpo e exaltação da alma. As doenças e males passaram a ter um sentido mais espiritual do que fisiológico, pois todo o mal que afligia os homens provinha do pecado, da ira divina ou de práticas diabólicas de feiticeiros. Por isso, para além de intervenções médicas, somente a misericórdia de Deus ou a ação dos santos poderia realmente curar uma enfermidade. Mesmo com todo o cuidado com o corpo, com todo o controle e vigilância, o fim último dos homens seria a morte, a horrível putrefação dos corpos, que atingiria ricos senhores, coléricos, laicos, camponeses e toda a sorte de seres vivos. Por isso, a Igreja se esforçou no controle de antigas práticas de culto aos mortos e espiritualizou tal relação entre os vivos e os que já se foram. As orações aos mortos e o trato com os defuntos, principalmente com os corpos santos, passaram invariavelmente pelas mãos da Igreja, que controlava as orações e o contato com as relíquias dos corpos santos. Por mais que a morte fosse um jubilo daqueles que entram na esperada eternidade, o ato de morrer era considerado terrível, toda a beleza dos corpos se esvaia e o horror pela degradação corporal mostrava o sofrimento, no final da Idade Média, de uma população que perdera o contato com os mortos para o controle da Igreja.

O corpo também passou a ser símbolo da organização político-social da Idade Média, onde a dualidade corpo e alma, estando o corpo abaixo e a alma elevada, se valia para distinguir laicos e clérigos e justificar a posição de superioridade desses últimos, pois lidavam com questões espirituais, referentes a alma. A Igreja também se tornou corpo de Cristo, que era a cabeça comandando toda a sociedade. Nesse contexto, a fisiologia ganhou um caráter simbólico, onde clérigos e pessoas justas seriam relacionados aos órgãos presentes na cabeça, local da alma e das coisas elevadas. Senhores e guerreiros, como braços seculares do poder espirituais seriam associados aos braços e mãos, enquanto os camponeses que carregavam o resto seriam os pés, inferiores, mas vitais para a condução do corpo. Já todos aqueles que administravam riquezas eram localizados no ventre, nas entranhas, no intestino e no fígado, local de podridão e origem dos pecados.

Podemos notar também que o corpo, além se servir de símbolo e representação para a afirmação do poder instituído, primeiro da Igreja e depois do poder os príncipes, foi utilizado como certa crítica social. Como no caso anteriormente citado, a fisiologia simbólica retratou os camponeses, essenciais para a condução do corpo, como injustiçados e explorados pelas partes mais altas do corpo. Já aqueles que administravam as cidades e os comércios, por lidar com o dinheiro, eram associados aos órgãos identificados como geradores dos pecados, como o fígado, que pela teoria dos humores produziria calor e sangue, fonte dos pecados. Essas associações mostram o desprezo medieval em relação ao acúmulo de riquezas e uma sensibilidade em relação a condição dos camponeses. Porém, a simbologia máxima em relação à crítica social seria a da dança macabra, onde independentemente da posição ocupada pelo indivíduo, a morte e a putrefação alcançariam seu corpo, destruindo toda a glória em vida ou fazendo os anos de trabalho pesado parecerem vãos.

Desta forma, o corpo na Idade Média se tornou uma fonte de representações entre o homem e o além. Assim como cosmos criado haveria a diferenciação entre as coisas elevadas (espirituais) e as baixas (mundanas e pecaminosas), o mesmo acontecia no corpo humano, que era microcosmos da criação, sendo a alma elevada e o corpo rebaixado. A organização social se refletiu e exemplificou nessas representações corporais. O corpo passou a ser símbolo do pecado e a Igreja se instituiu como símbolo do corpo santo de Cristo na Terra. A cultura popular, ainda que com resistências, foi sendo suprimida pela cultura clerical, como podemos ver no exemplo do culto aos mortos, que aos poucos foi espiritualizado e passou para o controle da Igreja. Porém, o domínio eclesiástico foi gradualmente sendo contestado pelos laicos. Principalmente depois do século XIII, vemos a Igreja flexibilizar e recolocar o corpo ao lado da alma dentro da hierarquia cristã. O trato com o corpo doente deixou as mãos dos clérigos e passou a ser realizado pelos laicos que estudavam nas universidades erguidas após o século XIII, a profissão do médico ganhou espaço. Toda essa revitalização do corpo e as críticas sociais que surgiram no fim da Idade Média nos mostram a pressão da cultura laica frente a Igreja, que passou a ceder a tais críticas para não perder totalmente o controle sobre o corpo social e político em que estava inserida.

Referências

- BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BRAET, H. e VERBEKE, W. (org). **A Morte na Idade Média**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- HUIZINGA, Johan. **O Outono da Idade Média**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- LAUWERS, Michel. Morte e os Mortos. In. LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. II. Bauru, SP: Edusc, 2006. p. 243-261.
- LE GOFF, Jacques. **Os Intelectuais na Idade Média**. São Paulo: Editora Brasiliense s.a, 1988.
- LE GOFF, Jacques, TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- PORTER, Roy. A História do Corpo. In. BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. P. 297-333.
- POUCHELLE, Marie-Christine. Medicina. In. LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. II. Bauru, SP: Edusc, 2006. p. 151-165.
- SCHMITT, Jean-Claude. Corpo e Alma. In. LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. I. Bauru, SP: Edusc, 2006. p. 253-267.
- _____. **Les Corps, Les Rites, Les Rêves, Les Temps: essais d'anthropologia medieval**. Paris: Gallimard, 2001.
- VERGER, Jacques. **Homens e Saber na Idade Média**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- ZUMTHOR, Paul. **La Medida del Mundo, representación del espacio em la Edad Media**. Madrid: Ediciones Cátedra, S. A. 1994.

Recebido em: 30/06/2018

Aprovado em: 28/07/2018